

EDUCAÇÃO DO CORPO EM MACAPÁ/AP-BRASIL (1944): O QUE AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS NOS DIZEM?

ÁLVARO ADOLFO DUARTE ALBERTO
RAIMUNDO BARBOSA DE SOUZA
Universidade Federal do Amapá/Brasil
alvaroduarte@unifap.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este ensaio pretende refletir, de uma forma específica, sobre a Educação do Corpo numa escola pública da cidade de Macapá/AP-Brasil em 1944, através da leitura das imagens fotográficas de ginástica. Para focalizá-lo se tomará como referencia a análise de algumas fotografias da época mencionada a partir dos conceitos de tempo, espaço e disciplina do corpo num projeto político do Estado Novo brasileiro.

A partir desta leitura vamos nos aproximar de uma a Educação do Corpo expressada pela imagens fotográficas intermediada por múltiplos saberes e práticas, que surgem no bojo de um intrincado processo de modernização social do Brasil no século XX.

Neste projeto de modernidade, a *disciplinarização* do corpo implicou em uma série de dispositivos presentes no interior das instituições que tomaram o corpo como objeto de sua ação.

Assim, um novo espaço social é fomentado para educar à um corpo “belo”, “forte” e disciplinado: A escola. Sendo sua principal função, como suporte ideológicos na conformação do corpo, a de inculcar a obediência física num processo para *domesticar* os sujeitos.

O CORPO EDUCADO: INSTRUMENTO PARA O TRABALHO NA MODERNIDADE

A modernidade, compreendida nos termos de Michel Foucault entre o final do século XVIII, XIX e XX, trouxe consigo todo um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre a Educação do Corpo.

A partir do século XVIII, por exemplo, as relações sociais de trabalho sofrem profundas mudanças que estão diretamente relacionadas à Revolução Industrial e a ascensão da burguesia na Europa. Para esse sistema era essencial que o corpo e a sexualidade fossem disciplinado/controlado.

Neste cenário, o corpo foi a peça central sem o qual o poder não teria condições de ser exercido. Dai então o saber começa a ocupar lugar de importância no cotidiano, e os grupos sociais dominantes tendem a implantar novos padrões de conduta que visam a abandonar a força bruta em razão de um modo padronizado de se comportar, de comer, de apresentar boas maneiras, de se interrelacionar. Saber e poder estão unidos. No decorrer desse período, houve uma valorização do sujeito pensante, do aspecto mental e, portanto, a razão deve controlar o corpo. A industrialização induz a um atrelamento cada vez maior do ser humano à técnica e à tecnologia. Mais interessante, ainda, é o fato de que, nesse contexto, o corpo está a serviço da produção que o domina, utilizando-se da ilusão de fazê-lo “belo”, “saudável”, e “forte”.

Na esteira da modernidade, a *disciplinarização* do corpo implica em uma série de dispositivos presentes no interior das instituições que tomaram o corpo como objeto de sua ação. Para Oliver (1995, *apud* Barbosa *et al*, 2007, p.05),

A grande característica do homem moderno, além de começar a ter autonomia do seu próprio corpo, foi descobrir o poder da razão para transformar o mundo e produzi-lo conforme as suas necessidades. Ele passa a considerar a razão como instrumento válido de conhecimento, e,

junto às idéias defendidas pela sociedade capitalista, percebe que seu corpo, pode ser disciplinado e controlado.

Dessa forma, o corpo é obrigado a funcionar mecanicamente a serviço do conhecimento racional, dos processos de produção, legitimando-o como objeto mecânico, funcional a serviço do pensamento lógico-formal, do cálculo, da produção e da razão.

Por tanto, a partir do final do século XVIII, a disciplina recortou o corpo na sua individualidade para a reprodução dos exercícios e a produção dos corpos *dóceis*.

A modernidade, por sua vez, impôs um conjunto de idéias que transformaram as condições de possibilidade de produção de discursos e saberes, configurando as diferentes instituições que tomaram o corpo como matéria dos exercícios. Como descrito por Foucault (1993), em seu livro "Vigiar e Punir", o modelo escolar da sala de aula é o paradigma moderno da *disciplinarização* dos corpos, como *lócus* privilegiado da realização exaustiva dos exercícios, dos exames, das punições e recompensas.

ESCOLA: O LUGAR DA GINÁSTICA NA MANUTENÇÃO DA ORDEM E DA HIERARQUIA

Na Idade Moderna, com a instauração política do Estado Soberano e no campo ideológico da racionalidade capitalista, novas tecnologias políticas de educar/disciplinar o corpo são instituídas.

Um novo espaço social é fomentado para educar o corpo: a escola. A principal função da escola foi a de inculcar a obediência física e a educação apresentou-se como um processo para *domesticar* as crianças.

Os motivos podem ser resumidos no receio de que o corpo viesse promover uma ressurreição contra o Estado. Foi necessário criar uma nova maneira de governar o indivíduo, que centrou suas forças na disciplina corporal, expressa também pela rotina do fundo das fábricas, escola, etc.

Assim, "o Estado trabalhava para produzir súditos *dóceis* e uma força de trabalho obediente através da disciplina sistemática dos corpos das pessoas" (PORTER, 1992 *apud* COFFANI & GRANDO, 2009, p.08).

Segundo Soares (2001, p. 112-113),

a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui [...] o prédio escolar informa a todos a sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos 'fazem sentido', instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

No espaço escolar, gestos, sentidos, também são incorporados. Tornam-se parte dos corpos. Neste contexto, a Educação Física como conteúdo escolar, conquista lugar privilegiado na escola para ensinar aos corpos os modos de olhar e o de se olhar, a falar e a calar, se aprende a ouvir e de preferir.

Assim a ginástica, hoje chamada Educação Física foi e é compreendida como um importante modelo de Educação do Corpo que integra o discurso do poder.

A ginástica compreendida como síntese do pensamento científico, foi afirmada ao longo de todo o século XIX no ocidente europeu como parte integrante dos novos códigos de civilidade. Assim integrou também currículos escolares.

A ginástica do século XIX afirma um discurso e prática que a revela como um modelo a ser difundido, como conjunto de preceitos e normas de "bem viver". Nas palavras de Soares (2001, p. 115), "a ela se atribuiu a capacidade de potencializar as utilidades das ações, de educar efetivamente o corpo. E a escola é um lugar privilegiado para sua difusão".

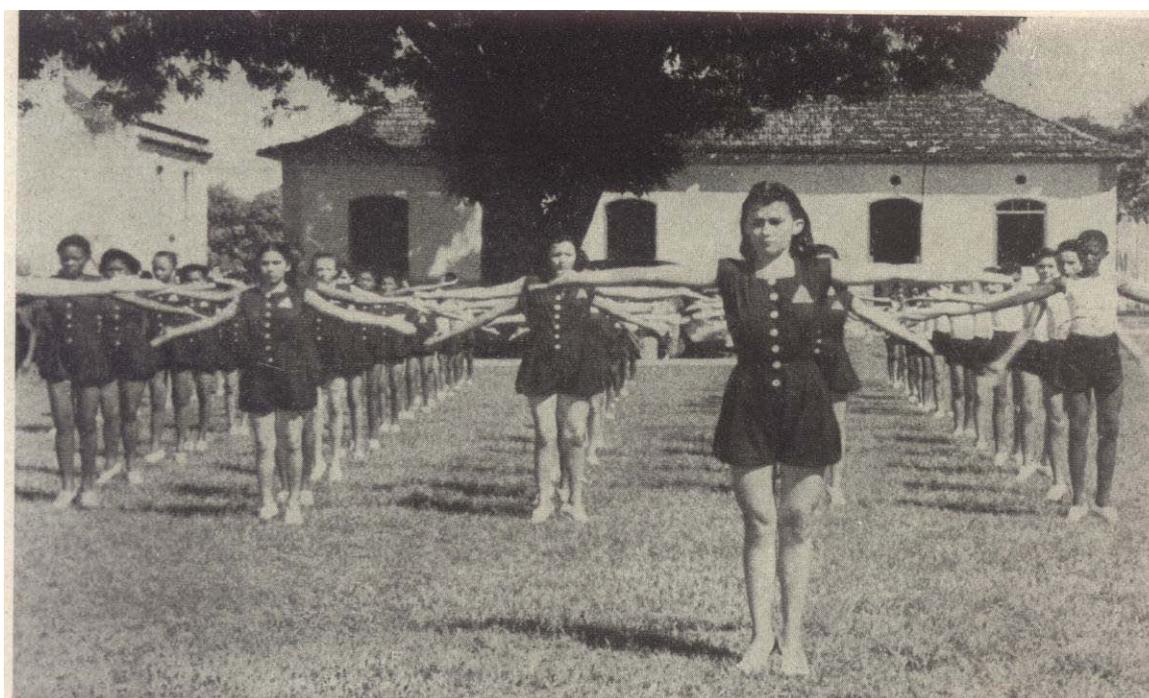
Na instituição escolar o discurso pedagógico que vai justificar a ginástica no currículo escolar é aquele que possui um caráter higiênico e moral destacando-se pela ordem e pela disciplina.

Desta maneira a ginástica ganha espaço e se afirma como forma específica de Educação do Corpo e da vontade deste homem novo que se desejou criar ao longo de todo século XIX.

De um modo geral, disseminava-se a idéia de modelagem do corpo com o intuito de corrigir melhorar posturas inadequadas do ponto de vista medico, ortopédico e estético.

Por tanto, é possível afirmar que a ginástica ao longo do século XIX, no interior da instituição escolar, sempre foi utilizada com propósitos ligados à ordem à disciplina, e à higiene. Sendo o corpo compreendido como lugar das mais distintas manipulações engendradas a partir de uma racionalidade dada pela máquina. Afastando-se da concepção de corpo e corporeidade numa possibilidade de sensibilidade de quem a pratica e de quem a ensina.

EDUCAÇÃO DO CORPO: ORDEM, BELEZA E CULTO A PATRIA



Fonte: Museu Joaquim Caetano da Silva em Macapá/AP-Brasil.

Estas fotografias fazem parte de um relatório de governo de 1944 enviado pelo governador Janary Gentil Nunes, do então Território Federal do Amapá, ao presidente do Brasil, Getulio Vargas. Neste relatório constam de descrições e de outras fotografias relacionadas as aulas de Educação Física na primeira escola pública do Amapá, o Grupo Escolar de Macapá, atualmente Escola Estadual Barão do Rio Branco.

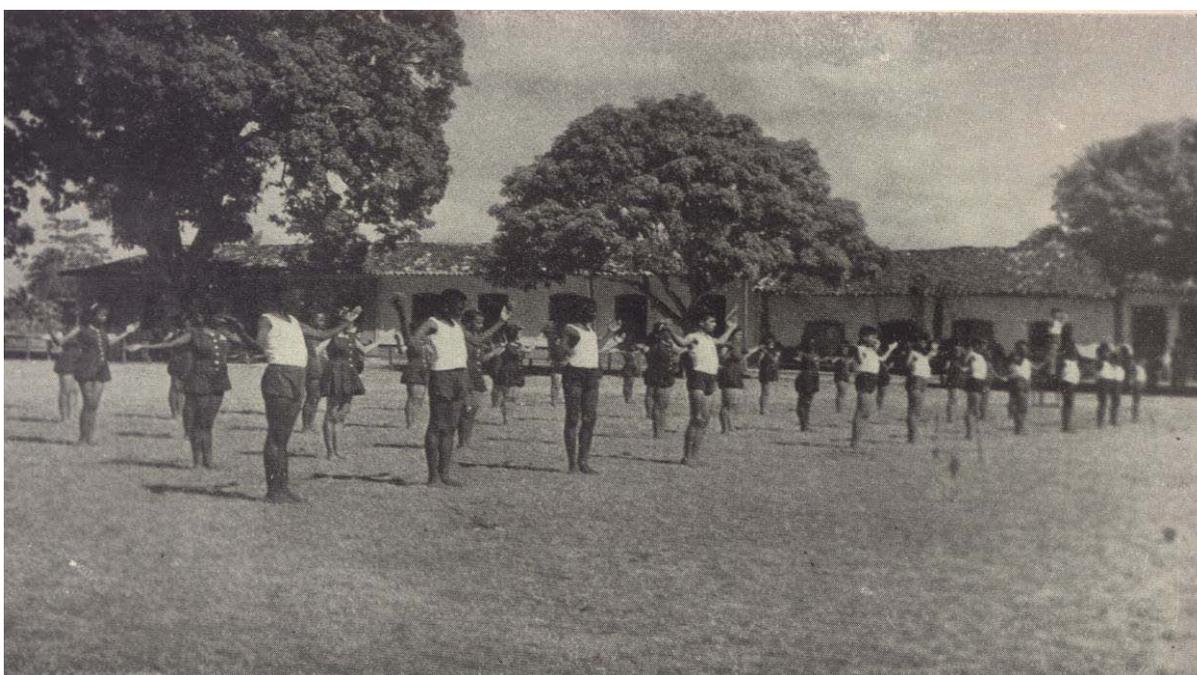
Ao examinar estas fotografias, nossa atenção não se volta apenas para as marcas do que passou, mas, principalmente, para os vestígios de futuro que carregam consigo, tornando visíveis modernidades imaginadas. Isto é, o modo como definem o cenário, incluem ou excluem protagonistas e, sobretudo, ensejam uma imagem que permitiria vislumbrar nelas os sinais do futuro.

Os alunos ficaram distribuídos em 04 (quatro) turmas, conforme o sexo e o desenvolvimento orgânico: masculino e feminino, maior e menor, não era viável dar aulas diárias. O único instrutor apenas podia atender duas turmas por dia, uma manhã e outra à tarde. As aulas eram dadas antes

e depois da instrução em sala de aula (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1944, p. 47).

Neste período evidencia-se uma política de Estado Novo, justificada em grande parte pelo apelo às utopias sociais e a noção de que o futuro se constrói, e é passível de controle, factível e projetável. O testemunho fundamental fornecido pela fotografia é exatamente a possibilidade desta construção, onde a escola tenta abandonar o tradicionalismo para assumir a Escola Nova, utilizando o discurso do humanismo moderno, onde o aluno é o centro do processo ensino-aprendizagem (SAVIANI, 2003).

A fotografia testemunha, sobretudo, o triunfo da vontade que comanda, orchestra e organiza todos os brasileiros, impondo a produtividade e a disciplina. Estas imagens oficiais são testemunhos, no rigor formal, da ordem da disciplina do corpo rumo ao progresso da nação e de seu povo. Neste sentido, a Educação Física enquanto disciplina curricular tenta firmar-se a partir de sua contribuição para a saúde e formação do caráter, evidenciando a autodisciplina, higiene e respeito à hierarquia. A Educação Física, assim, sob a forma de exercícios ginásticos de influência médico-militar, contribui principalmente para o cultivo de valores morais, em especial do civismo e do patriotismo (KOLYNIK FILHO, 1996).



Fonte: Museu Joaquim Caetano da Silva em Macapá/AP-Brasil.

As imagens fotográficas nos revelam os caminhos pelos quais o futuro se faz presente na mobilidade dos corpos, pois para o Estado Novo brasileiro a nação não estaria completa sem o concurso dos atletas e ginastas, pois os mesmos faziam parte de uma categoria que efetivamente protagonizam o futuro da nação.

A intensificação do capitalismo industrial, que a Revolução de 1930 acabou por representar, determinou a aparecimento de novas exigências educacionais. O aperfeiçoamento do gesto no trabalho, elegem a ginástica como instrumento privilegiado para treinar o gesto harmônico e econômico, afinados com o Estado constituído, exortam a moral, de classe (burguesa) afirmando o culto à saúde, ao corpo e à pátria.



Fonte: Museu Joaquim Caetano da Silva em Macapá/AP-Brasil.

Desta forma a Educação do Corpo através da ginástica, respondeu às necessidades históricas no Brasil com tendências higiênicas somadas a ela a concepção militarista reforçando a ideologia nazi-fascista absorvida com entusiasmo pelo governo de Getúlio Vargas, caracterizando os fortes indícios de “militarização do corpo”.

Assim, a relação médico-militar da Educação do Corpo aos valores cívicos bastante presentes nos desfiles e apresentações de ginástica coletiva foram decisivos para o condicionamento e conformação do corpo à ordem social.

Duas apresentações, em 13 de setembro e 15 de novembro, patentearam algum progresso, considerando as condições em que o ensino foi ministrado. Penso, entretanto, que não se obteve o quanto era possível, o que explico pela inexperiência do instrutor em ginástica e pedagogia infantil. Nenhum trabalho seu poderia, de pronto, suprir a falta de hábito ou índole para encaminhar crianças, a crescerem antes num mundo agreste, do qual foram chamadas de repente para receber um pouco de ordem e de beleza (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1944, p. 47).

Por tanto, o corpo educado pela matéria da qual é feita o mundo, circunscreve por si só um retrato da sociedade, revelando assim, como espaço que é toda a imposição de limites sociais e psicológicos que são dados a sua conduta. A partir dos desenhos que traçam no espaço com sua materialidade, os corpos e sua gestualidade podem permitir a compreensão de toda uma dinâmica de elaboração dos códigos a quem devem responder, das técnicas, pedagogias e instrumentos desenvolvidos para submetê-los à normas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao tratarmos da Educação do Corpo, a escola como instituição eminentemente moderna, traz consigo formas muito peculiares de cuidar do corpo, modelando-o de acordo com os interesses civilizatórios. É justamente a produção de imagens “monumentais”; por parte do governo da época que o gesto serve sobretudo como evidência de que há um olhar capaz, que tudo pode elevar – isto é, erguer e sustentar o erguido.

A Educação do Corpo, sobretudo, pela ginástica científica originária da Europa partir do século XIX, assegura na sociedade formas modelares de educar o corpo com finalidade muito precisa: ensinar os indivíduos a adquirirem forças, a adquirirem também uma destreza geral que favoreça não só o manejo no mundo trabalho, mas também a melhoria da utilização das forças físicas e morais. É este o olhar sobre as imagens, sobre o novo que surge desenhado pela modernidade de um país que projetava ser forte economicamente, social, cultural e politicamente.

Portanto, a Educação do Corpo na escola constituiu-se a partir de um jogo de poder/saber que vai impor no meio escolar uma imagem de corpo forte e útil. Imagens estas que não evocam liberdade, alegria, prazer e encanto. E para terminar, gostaria de refletir sobre uma “outra” Educação do Corpo na escola, juntamente com Soares (2005, p. 61) quando nos diz:

Pensar deste modo possibilita abrir espaço para experiências de práticas corporais e de vida em sociedade que tomem como eixo a delicadeza, a lentidão, a amizade, a solidariedade, a compaixão, a alegria, o respeito a todos os seres vivos e ao planeta e por que não o ócio.

REFERENCIAS

AMAPA. Governo do Território Federal. *Relatório de atividades de governo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

BARBOSA, A. M. V. *et all. Corporeidade, música e alfabetização: uma relação cuidante, prazerosa e de inteireza*. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2007.

COFFANI, M. C. R. S.; GRANDO, B. S. *As múltiplas pedagogias de mitificação do corpo*. Disponível em: www.unemat.br/pesquisa/coeduc/downloads. Acesso em: 28/04/2009.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *Vigiar e punir*. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1993.

KOLYNIK FILHO, C. *Educação física: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1996.

SAVIANI, D. *Escola e democracia: teorias da curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 36ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOARES, C. L. (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.